

**DEPENDÊNCIA E MARXISMO: HISTÓRIA, TEORIA E PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA**

**DEPENDENCIA Y MARXISMO: HISTORIA, TEORÍA Y PRAXIS REVOLUCIONARIA**

**DEPENDENCY AND MARXISM: HISTORY, THEORY AND REVOLUTIONARY PRAXIS**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.49178>

Marina Machado Gouvêa<sup>1</sup>

Adriano Nascimento<sup>2</sup>

Rodrigo Castelo<sup>3</sup>

O bicentenário da Independência formal do Brasil – decretada pela própria Coroa por medo de uma vitória das lutas populares e abolicionistas – chega em um momento de reconfiguração capitalista marcado pela profunda ofensiva das classes dominantes sobre a classe trabalhadora e os povos do mundo. Tal ofensiva é particularmente acirrada sobre *Nuestra América* (a América Latina e o Caribe), contrastando uma vez mais a independência formal à *dependência* real, que caracteriza o desenvolvimento capitalista em nossa região.

Em uma apreensão marxista, a dependência constitui um conjunto de determinações particulares ao desenvolvimento capitalista em algumas regiões, que mantém ao mesmo tempo suas determinações mais universais. Não configura um traço do qual este desenvolvimento pode prescindir, ou que pode ser superado tautologicamente, por meio do próprio desenvolvimento capitalista. Pelo contrário: com a reprodução capitalista ampliada, reproduz-se também a dependência. Só é possível rompê-la em definitivo com a superação do próprio capitalismo.

Notemos aqui que, por uma feliz coincidência histórica, a vitória da primeira revolução socialista em *Nuestra América* – a cubana – ocorreu no exato aniversário de 155 anos da primeira revolução anticolonial, liderada por corpos escravizados – a haitiana. Em nossa região, o socialismo sempre constituiu possibilidade material para a segunda e definitiva independência de nossos povos.

Uma outra efeméride digna de nota é a comemoração dos 90 anos de nascimento do revolucionário brasileiro Ruy Mauro Marini, um dos expoentes da teoria marxista da dependência (TMD) e que hoje, no seu *post-mortem*, encontra boa parte da sua produção teórica disponibilizada ao público brasileiro na sua língua natal. A partir de uma militância diligente de inúmeros aparelhos privados e estatais de hegemonia e seus intelectuais (tradicionais e orgânicos) ao longo dos anos 1990 e 2000, rompeu-se o cerco político-

ideológico imposto à TMD tanto pela ditadura empresarial-militar como por uma intelectualidade que então abraçava o reformismo-progressista e logo depois aderiu ao neoliberalismo, com destaque para os ataques desferidos pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e alguns dos seus colegas do Cebrap (e alhures). (CASTELO, 2019)

Nada mais adequado, portanto, que dedicar o primeiro dossiê da revista *Germinar* do ano de 2022 ao debate marxista sobre a dependência, acolhendo diversas das suas correntes.

Trata-se de um debate levado a cabo em distintas formas há mais de um século, através de todas as contribuições originais do marxismo latino-americano e caribenho. Sobre as particularidades do desenvolvimento capitalista na região, debruçaram-se nomes como Julio Antonio Mella, José Carlos Mariátegui, Caio Prado Júnior, Oscar Creydt, Sergio Bagú, Ricardo Paredes. Mais tarde, também contribuíram nomes como C.L.R. James, Jacobo Arenas, Luiz Turcios Lima, Carlos Marighella, ou mesmo Ernesto Che Guevara e Fidel Castro. Todos/as os/as grandes líderes revolucionários/as das décadas de 1950-70 têm alguma contribuição sobre as particularidades do desenvolvimento capitalista em *Nuestra América*, mesmo que não se dediquem especificamente à investigação da dependência como categoria do real.

Distintas interpretações sobre a dependência latino-americana e caribenha estiveram presentes, ainda, na literatura, na música, no teatro e nas artes visuais, ao longo dos séculos XX e XXI. Na vida política, o fértil debate que já surgira na esteira da Revolução Soviética toma nova forma após a Revolução Cubana, tendo como cerne o choque entre a defesa de uma etapa de desenvolvimento capitalista nacional e autônomo como passo anterior a um processo de revolução socialista, por um lado, e, por outro, a indicação da inviabilidade do etapismo e a exigência de um mesmo *continuum* de lutas tendo sempre a transição socialista como horizonte. Na academia, participaram deste debate autores como Andre Gunder Frank, Bolívar Echeverría, Adolfo Sánchez Vázquez, assim como, de alguma maneira, todos que debatiam a caracterização dos modos de produção existentes em nossa região, como Agustín Cueva, Waldemar Espinoza Soriano, Ciro Flamarion Cardoso, Jacob Gorender, entre tantos/as outros/as. Muitas/os intelectuais marxistas trabalharam ainda especificamente com a categoria dependência, como Heleieth Saffioti, Octavio Ianni e Florestan Fernandes. Neste bojo, a teoria marxista da dependência surge especificamente como tentativa mais avançada de compreensão sistemática sobre a legalidade particular da reprodução capitalista na América Latina e Caribe, caracterizada como região dependente. No cerne dessas formulações radicam Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos.

Uma pequena lista de intelectuais – na qual é visível a menor presença de mulheres, de negros/as e de indígenas, dada a forma excludente que a produção e difusão teóricas assumem, mesmo no campo crítico – jamais fará juz à riqueza dos debates sobre a dependência em *Nuestra América*. Estas produções compuseram um esforço que nunca foi apenas por identificar as determinações particulares e universais do capitalismo na região, mas por fazê-lo em meio à disputa tática e estratégica na luta pelo socialismo na América Latina e Caribe. Neste esforço estiveram envolvidos/as, portanto, não apenas os/as intelectuais cuja obra hoje conhecemos, mas centenas de milhares de militantes, a partir do cotidiano de suas lutas. Todos os debates feitos pelo marxismo negro latino-americano e caribenho, de Clóvis Moura a Eric

Williams, ou mesmo sobre a escravização a partir de países que são hoje centrais, como no caso da obra de Angela Davis, são fundamentais para a compreensão das particularidades do desenvolvimento capitalista dependente. Também o são todos os debates sobre a questão indígena, sua historicidade e seu papel imprescindível à revolução socialista em distintas partes de *Nuestra América*. Os debates mais recentes sobre as especificidades da questão de gênero no capitalismo dependente também devem ser tomados em conta, em especial na compreensão sobre a dinâmica da reprodução da força de trabalho.

É uma larga produção teórica advinda de práxis revolucionárias. Desta lista a ser estendida quase que indefinidamente, destacamos neste momento os trabalhos circunscritos à teoria marxista da dependência. Entre os anos 1960 e 1970, a TMD se constituiu como uma das mais influentes correntes do pensamento crítico latino-americano. Devido à oposição aos pensamentos hegemônicos sobre as raízes e fundamentos do desenvolvimento capitalista na região, representados, no campo nacionalista, pela Cepal, e, no campo socialista – com enormes diferenças e algumas semelhanças –, pelo posicionamento majoritário na maioria dos partidos comunistas à época, os intelectuais ligados à TMD foram identificados como uma escola de pensamento próprio com uma sólida e sistemática bagagem conceitual voltada para interpretar o subdesenvolvimento, ou, em seus mais acurados termos, a dependência na América Latina.

Os anos 1960, com o impulso da Revolução Cubana, foram marcados por uma agudização crescente da luta de classes em nosso subcontinente. No campo político da esquerda, seja por meio dos movimentos nacional-populares, seja por meio dos movimentos socialistas, houve uma forte e contínua contestação ao poder das burguesias imperialistas e das burguesias internas (lati)fundárias e industriais, associadas em maior ou menor grau na exploração econômica e dominação política e cultural.

Esse intenso processo de agudização da luta de classes alcançou uma de suas máximas expressões durante o governo da Unidade Popular no Chile e culminou com o golpe de Estado de 1973. A ditadura militar chilena instalada por Pinochet deu continuidade a uma vaga de ditaduras que vinha se estendendo por diversos países, completando um movimento prévio de contrainsurgência inaugurado com o golpe de Estado na Guatemala em 1954 (dos quais os golpes no Brasil em 1964 e na República Dominicana em 1963 e 65 são momentos decisivos) e que, por sua vez, dava sequência a uma série de processos ditatoriais que se estenderam ao longo de todo o século XX por *Nuestra América*. Ao final da década de 1970, o Cone Sul encontrava-se tomado por regimes ditatoriais contrarrevolucionários, assim como grande parte do subcontinente, que se encontrava sob regimes ditatoriais e/ou guerra civil.

No campo teórico, esse contexto sombrio concitou a intelectualidade crítica latino-americana uma vez mais à necessidade de explicar a dinâmica política e econômica da região. Era necessário investigar um conjunto de questões: a instabilidade dos regimes democráticos, a natureza de classe das emergentes ditaduras militares; as estratégias que os movimentos democráticos, populares e revolucionários deveriam adotar para contribuir para superar os regimes autocráticos e criar as condições para transformações sociais; a natureza *sui generis* do capitalismo da região, a sua forma de constituição particular e características fundamentais; a configuração específica do bloco no poder em cada formação social e; a dinâmica concreta da luta de classes.

De maneira contraditória, o apelo que a TMD possuía nos anos 1970 perde força nas décadas seguintes. Em que reside o paradoxo? A TMD diminui seu apelo quando justamente uma de suas principais teses se confirmava, a saber, segundo Marini, a “consequência da dependência não pode ser nada mais do que maior dependência e sua superação supõe, necessariamente, a supressão das relações de produção nela envolvidas” (MARINI, [1973] 2005, p. 141). Para os dependentistas, portanto, a realidade do desenvolvimento capitalista na região contestava a noção de que o subdesenvolvimento significava a falta de desenvolvimento capitalista e confirmava a prédica de que ambos, desenvolvimento e subdesenvolvimento, eram resultados do caráter *sui generis* do evolver capitalista no subcontinente e no mundo.

As teorias que marcaram o desenvolvimentismo latino-americano até então, sobretudo o estruturalismo da Cepal, eram criticadas por considerar que alterações dentro do próprio capitalismo seriam capazes de possibilitar a passagem para uma forma mais avançada de capitalismo. Os dependentistas chegavam assim nos anos 1980 com prestígio suficiente para demonstrar que a veloz modernização capitalista que havíamos sofrido nos anos precedentes não desmontara nosso “subdesenvolvimento” e “atraso estrutural” – e que isso não se devia apenas a uma imposição imperialista externa com aliados internos, mas à própria dinâmica da reprodução do capital.

Todavia, a força das ideias não é retirada apenas de seu rigor metodológico e de sua sistemática organização conceitual. As ideias estão estritamente ligadas ao movimento das coisas, à dinâmica das lutas de classes. No caso da TMD, seu desenvolvimento esteve sempre vinculado, como apontam tanto Jaime Osorio (1984) – no que se refere ao surgimento da TMD –, como Cláudio Katz (2020), ao ciclo da Revolução Cubana. A ascensão e o declínio do discurso dependentista foram influenciados pelo rumo da revolução e do projeto socialista na América Latina. Com efeito, o ciclo aberto pelos cubanos encerrava-se após três severos reveses: o extermínio dos movimentos de guerrilha por todo o subcontinente, a dramática derrubada da Unidade Popular, e, por fim, a derrota da Revolução Sandinista. Esses desenlaces são decisivos para o posterior avanço do capitalismo e neoliberalismo no continente e para o conseqüente enfraquecimento da perspectiva dependentista.

Engolfados num ambiente nacional-desenvolvimentista nos anos 1960, os críticos radicais das teorias da modernização retornam ao Brasil com a anistia e a redemocratização. Foi uma volta, nos anos 1980, a um país já profundamente “impregnado por ideias ostensivamente neoliberais” (WASSERMAN, 2017) e marcado pelo impedimento à circulação de suas formulações teórico-políticas durante a ditadura empresarial-militar (PRADO, 2011), assim como pelas derrotas sofridas pelo campo socialista. Nos anos 1990, no período mais duro até então do avanço da restauração conservadora e do neoliberalismo no subcontinente, a teoria marxista da dependência entra num período de hibernação. A TMD parecia estar condenada ao esquecimento devido à pretensa caducidade de suas elaborações. Tinha-se a impressão de que conceitos como dependência, superexploração da força de trabalho, Estado de contrainsurgência, fascismo dependente, subimperialismo e classe dominante dominada teriam sido extraviados para nunca mais serem recuperados.

Conjugada a uma viragem na luta de classes em escala mundial, a crise orgânica iniciada em 1965-1973 – substrato de muitas das reflexões das/os dependentistas – dá lugar ao neoliberalismo, como nova forma da própria reprodução capitalista. É precisamente a partir da resistência a essa reconfiguração capitalista constituída pelo neoliberalismo que surgem, em meio a um período de muitas derrotas para a classe trabalhadora, algumas conquistas que, na passagem para o século XXI, viriam a se plasmar no assim-chamado “progressismo latino-americano”.

O termo “progressismo” abarca na verdade governos e propostas políticas de corte muito distinto. De um lado, governos que propuseram maiores pactos de conciliação de classes, de Lula e Dilma aos Kirchners, por exemplo. De outro, governos que se colocaram a tarefa de transitar ao socialismo em aliança com Cuba, como os governos de Chávez, Morales e Correa. O discurso antineoliberal, ou mesmo anticapitalista, frente à impossibilidade de efetiva ruptura com o neoliberalismo sem a superação do próprio capitalismo, reacende o debate sobre o nacional-desenvolvimentismo e sobre os desafios táticos e estratégicos a uma possível transição socialista, colocando também na ordem do dia uma retomada da teoria marxista da dependência.

O desenvolvimentismo nos governos progressistas é, também, reconfigurado, e tem matizes muito distintos a depender de cada processo particular. Envolto em projetos de conciliação de classe, sobretudo nos casos brasileiro e argentino, o agora neodesenvolvimentismo não contestava mais, como nos antigos desenvolvimentistas, o padrão de reprodução do capital na região. A especialização produtiva permaneceu quase inalterada ou se aprofundou. Buscava-se promover programas sociais para melhorar as condições de vida, particularmente daquelas/es situadas/os na extrema pobreza, gerar empregos e beneficiar a classe trabalhadora assalariada e a pequena burguesia, mantendo, simultaneamente, os privilégios das frações mais poderosas do capital.

Contudo, se nos anos 2000 a região conquistou expressivos avanços a partir das lutas empreendidas na década anterior, a partir de 2011-2013 os efeitos da nova crise capitalista orgânica precipitada em 2007-2008 se fazem sentir fortemente em *Nuestra América*, e os limites de uma oposição ao neoliberalismo que não se oponha ao conteúdo capitalista do próprio neoliberalismo começam a ficar evidentes. Propostas de pacto de classes de distintos matizes assistiram ao esgotamento de sua base econômica e política de sustentação e a região foi palco de amplas manifestações populares que caracterizam a ingovernabilidade (como no caso do Haiti), tiveram desfechos à direita (como no caso do Brasil), ou, em alguns poucos casos, propiciaram a manutenção de governos de esquerda (como no caso da Venezuela).

Na última década, *Nuestra América* atravessou novamente um processo de viragem política e de mudanças nos blocos no poder em direção conservadora, que coadjuva a profunda ofensiva das classes dominantes sobre a classe trabalhadora e os povos do mundo à qual se fez referência no início deste texto, e que faz parte da dinâmica da luta de classes na reconfiguração capitalista frente à presente crise. A região como um todo sofreu na última década o acirramento de golpes de Estado; o assédio incessante às experiências que propõem alguma ruptura com a lógica da reprodução capitalista; e a eleição de governos de ultradireita e/ou com características fascistas.

Haiti, Honduras, Paraguai, Brasil e Bolívia sofreram golpes. Já na Bolívia, houve a reversão do golpe através de derramamento de sangue e da luta popular, como ocorreu há exatos vinte anos na Venezuela. Nesta última, enfrentou-se a instituição de um fictício governo paralelo e a ameaça de invasão territorial, sempre associada às tentativas de derrubada também de Díaz-Canel em Cuba, que se intensificaram. Governos de ultradireita ou mesmo de corte fascista tiveram vitórias eleitorais, como no Brasil, Argentina, Uruguai ou El Salvador, bem como alguns governos transformistas, como no Equador.

Em contraposição, o aprofundamento da crise e seus efeitos nefastos sobre as condições de vida na região tem levado à revolta das populações e a vitórias sobre a ultradireita e o ultraconservadorismo, podendo vir a configurar uma “nova onda progressista” em *Nuestra América*, que, apesar de trazer consigo um imenso e necessário potencial para a melhora nas condições de vida imediatas, exigirá uma expressiva luta popular de caráter anticapitalista para que possam vir a ser superados pactos de classes insustentáveis e para a conquista efetiva de um processo emancipatório (ou mesmo para conquistar a reversão de alguns dos retrocessos sociais acelerados pela ofensiva conservadora na última década).

Contribuem para a possibilidade concreta desta eventual “nova onda progressista”, entre outros fatores, o socialismo cubano, a reversão do golpe de Estado na Bolívia, o fracasso neste momento do golpismo na Venezuela e na Nicarágua, as recentes vitórias eleitorais no Chile, Honduras, México, Peru e Argentina. Assim como as perspectivas de vitória eleitoral no Brasil e na Colômbia, ainda que ameaçadas por novas conjunturas de golpe e guerra civil. Contribuem, ainda, a insurreição permanente no Haiti, as novas formas de organização da classe trabalhadora – como no caso de trabalhadoras/es de aplicativo – e as imensas explosões de revolta e luta por parte de populações marginalizadas, a partir do movimento negro, do movimento de mulheres e dos movimentos de povos originários.

Notemos, contudo, que mesmo experiências que não defendem a superação do capitalismo, mas sim a conciliação de classes, têm sido atacadas e limitadas com força, com base em interesses das burguesias locais e externas e em muitas das contradições destas próprias experiências.

Uma vez mais, é urgente a necessidade de compreender a dependência em suas próprias determinações, como parte integrante do desenvolvimento capitalista nas regiões periféricas e particularmente em *Nuestra América*.

### ***O resgate crítico da teoria marxista da dependência no século XXI***

A necessidade de conciliar interesses de classes tão paradoxais e demandas e pressões sociais tão contraditórias apontava, como advoga Jaime Osorio (2019), para um desgaste em curto e médio prazo dos projetos dos governos progressistas neodesenvolvimentistas. Assim, parte da intelectualidade crítica latino-americana entendeu como necessário recobrar o pensamento originário da escola dependentista. Por compreender como indispensáveis suas contribuições e sua bagagem conceitual de crítica da economia política do desenvolvimentismo e, por consequência, para realizar a crítica das utopias que o progressismo latino-americano começava a alimentar não apenas nas massas, como também em boa parte da intelectualidade crítica, uma retomada relevante da TMD tem sido verificada.

O Brasil tem sido o epicentro dessa retomada. Recentemente, diversos artigos, teses, livros, comunicações em seminários e congressos têm se inspirado e ancorado no legado de Bambirra, Marini e Dos Santos para analisar o atual estágio da dependência latino-americana e, a partir daí, debater a atualidade da revolução e do socialismo no continente. O início desse processo de retomada pode ser apontado em 2000 com o lançamento da coletânea de textos *Dialética da dependência*, de Ruy Mauro Marini, organizada por Emir Sader e publicada pela editora Vozes, Clacso e o Laboratório de Políticas Públicas da Uerj. Hoje este livro é uma raridade de colecionador. Cinco anos mais tarde, uma parceria entre Roberta Traspadini e João Pedro Stédile lançou uma segunda coletânea com artigos de Marini, com traduções mais acuradas do que a primeira e acompanhada por uma apresentação que posicionava o intelectual mineiro entre os clássicos indispensáveis do pensamento social em nosso país. Com sucessivas tiragens promovidas pela editora Expressão Popular, esta segunda coletânea consolidou-se como uma das referências mais importantes da temática sobre dependência e marxismo no Brasil.

Além de Traspadini e Stédile, intelectuais rigorosos/as e combativos/as contribuíram decisivamente para o resgate da TMD e, para além dessa importante tarefa, produziram trabalhos riquíssimos analisando temas como imperialismo e subimperialismo na nova fase da dependência, as particularidades do Estado e do direito no capitalismo dependente, a função da ciência e da universidade na periferia do capitalismo, e, como não poderia deixar de ser, a questão da superexploração da força do trabalho no subcontinente. Vale dizer que tal acolhida da TMD é inédita na universidade pública brasileira. A ausência de um pensamento tão rico e original adensando o debate público no país foi, em parte, resultado do longo exílio de vinte anos dos autores dependentistas, que, por conta da ditadura empresarial-militar e da censura midiática institucionalizada, sofreram um impacto silenciador. Outro ponto a ser ressaltado é que a retomada não se dá de maneira acrítica e talmúdica. Com base na TMD, novos temas e linhas de pesquisa vêm sendo abordados e desenvolvidos com base num resgate crítico.

Sem sermos exaustivos, é importante referenciar aqui alguns desses temas e linhas de pesquisa. A sociologia do trabalho e a economia do trabalho têm recuperado o conceito de superexploração e o colocado à prova de vasto material empírico sobretudo nas análises sobre o impacto profundo da reestruturação produtiva e da reorganização da classe trabalhadora após as severas derrotas sofridas na era neoliberal. Neste amplo campo de pesquisa, ganham relevo vários trabalhos como os de Marcelo Carcanholo, Marisa Amaral, Carlos Eduardo Martins e Mathias Luce, que discutiram com rigor a pertinência da categoria de superexploração, assim como os recentes livros *Superexplotación del trabajo en el siglo XXI*, organizado por Gil Félix e Juliana Guanais, e *Dependência, Estado e superexploração do trabalho no século XXI*, organizado por Gil Félix.

Há também as competentes pesquisas de Juliana Guanais e Lúcio Verçosa sobre a superexploração do trabalho na agroindústria canavieira, publicadas, respectivamente, sob os títulos *Pagamento por produção, intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira brasileira* e *Os homens cangurus nos canaviais alagoanos*. Por sua vez, a questão do desemprego estrutural e da superpopulação relativa no país tem sido discutida e acompanhada com desvelo pelo economista Pedro Henrique Evangelista Duarte (2022), ao tempo que recentes artigos de Marisa Amaral e Roberta Traspadini, sobre uberização e

superexploração, publicados no site *Outras Palavras*, dão sólidas indicações de como na prática se realiza a superexploração da força de trabalho contemporaneamente em nossa região.

Na economia política, área de origem dos dependentistas, críticas rigorosas e necessárias às ideologias do desenvolvimentismo, do neodesenvolvimentismo e do neoliberalismo foram realizadas por Fernando Correa Prado, Naiara Bittencourt e Rodrigo Castelo. O imperialismo e a categoria do subimperialismo, cunhada por Marini, foram temas de algumas teses de doutorado e de mestrado; entre elas são notáveis os textos de Marisa Amaral, Marina Machado Gouvêa, Leonardo Magalhães Leite, Mathias Seibel Luce, José Humberto Filho e Roberta Traspadini. A respeito da dependência tecnológica, destaca-se a tese *A transferência de valor no capitalismo dependente contemporâneo: o caso do Brasil entre 2000 e 2015*, de Diógenes Moura Breda. São textos incontornáveis que demonstram como a nova geração da TMD tem enriquecido o debate público no país.

Os temas relacionados à natureza dependente e subsoberana do Estado periférico latino-americano, à democracia restrita que impera na região, assim como ao fascismo dependente e à contrainsurgência, têm sido centrais nas reflexões inspiradas pela TMD na Ciência Política. Máira Machado Bichir realizou em seu doutoramento uma *pars construens* que demonstra o lugar central que o Estado ocupa na conformação e reprodução do capitalismo dependente. A pesquisa de Bichir é em todos os sentidos exemplar: criatividade e rigor metodológico, aliados a uma pesquisa bibliográfica exauriente dos autores estudados. Outro estudo que merece distinção é a dissertação de mestrado *O Estado em seu labirinto: a particularidade do Estado dependente*, de Maicon Cláudio da Silva. A relação entre Estado e padrão de reprodução do capital na América Latina é o ponto forte deste texto. Sobre a questão do Estado dependente, cabe ainda pôr em relevo o ingente esforço coletivo de construção do Observatório do Estado Latinoamericano (Odela), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem à frente Leonardo Granato. É de responsabilidade de Granato e do professor colombiano Juan Camilo Arias Mejía a principal publicação na área até aqui. Trata-se da obra coletiva *La cuestión del Estado en el pensamiento social latinoamericano*, publicado no ano corrente pela editora da Universidad Autónoma Latinoamericana, da Colômbia. Outras iniciativas de relevo nos debates sobre Estado têm sido produzidas no âmbito do grupo de pesquisa Estado, direito e capitalismo dependente, sediado na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e coordenado por Adriano Nascimento e Elaine Nunes, como o livro *Economia, política e dependência* (Edufal, 2020) e o I Seminário Internacional Economia, política e dependência: homenagem aos 80 anos de Vânia Bambilra, realizado em outubro de 2020 e que contou com a participação de dezenas de palestrantes e centenas de ouvintes.

Não tem escapado aos analistas políticos que se inspiram na escola dependentista o escrutínio das experiências dos governos progressistas e populares. Compreender os avanços e recuos das experiências da esquerda latino-americana. Carla Cecília Ferreira, em *A classe trabalhadora no processo bolivariano da Venezuela. Contradições do e conflitos do capitalismo dependente petrolero rentista (1989-2010)*, e Raphael Seabra, em *A via venezuelana ao socialismo*, buscaram investigar o significado e os limites do processo político no governo popular mais avançado da região. Fernando Prado e Monika Meireles, em *Teoria marxista da dependência: elementos para a crítica ao novo-desenvolvimentismo dos atuais governos de centro-esquerda latino-americanos*, Marcelo Carcanholo, em *Auge e declínio dos governos progressistas na América Latina*, e Carlos Eduardo Martins, em *Germinar: marxismo e educação em debate, Salvador, v.14, n.1, p. 01-17, abr. 2022.*

diversos artigos publicados no blog da Boitempo e outros sítios, são referências fundamentais para se compreender as contradições do progressismo latino-americano.

A crise e a debilidade das democracias no capitalismo dependente e a atual ofensiva neoconservadora têm trazido também à luz as potências analíticas dos conceitos de fascismo dependente e de Estados de contrainsurgência. Raphael Seabra é autor de dois importantes artigos sobre a questão do fascismo no Brasil. Publicou recentemente “Fascismo ou ilusionismo da dominação capitalista no Brasil” e, em parceria com Thays Fidelis, “Fascismo e profissionalização da contrarrevolução no Brasil”. Na mesma trilha, no último número da revista *Argumentum*, José Whelisson Brito Santos publicou um interessante artigo com o título “Fascismo no Brasil contemporâneo e o Estado de contrainsurgência”.

Nos estudos jurídicos, campo de pesquisa pouco discutido pelos precursores da TMD, tem sido notado um vivo e conspícuo interesse pelo potencial heurístico das categorias desta escola. A relação entre direito e dependência tem sido objeto das investigações de vários jovens e engajados intelectuais. Por todo o país, temas de direito do trabalho, previdenciário, financeiro, tributário e penal são debatidos em inúmeras dissertações e teses. Paula Cozero defendeu na UFPR recentemente um excelente trabalho sobre o *Capitalismo dependente e sindicalismo expropriado: relações coletivas de trabalho sob o acirramento do neoliberalismo jurídico no Brasil*. O sistema penal brasileiro foi analisado com percuciência por Carla Benítez Martins em sua tese *Distribuir e punir? Capitalismo dependente brasileiro, racismo estrutural e encarceramento em massa nos governos do partido dos trabalhadores (2003-2016)*, e por Marco Alexandre Serra, em *Neofascismo dependente e sistema penal brasileiro*. Carla Benitez Martins e Marco Alexandre organizaram, também, em parceria com Leonardo Teixeira e Nayara Medrado, uma das mais importantes obras da criminologia crítica latinoamericana: *Economia política da pena e capitalismo dependente brasileiro*. Um livro cardinal, com contribuições de mais de quarenta pesquisadores, que analisam temas como a criminalização do aborto e das drogas, o estupro como punição sobre o corpo feminino negro, o encarceramento em massa e o etnocídio, além de inúmeras reflexões sobre o punitivismo no governo Bolsonaro.

Rafael Cherobin, em *Estado e direito no capitalismo dependente: da superexploração da força de trabalho à disformidade jurídico-estatal*, e Yago Renan Licarião de Souza, em *A forma jurídica no capitalismo dependente*, produziram dois excelentes textos que analisam o direito sob a luz da TMD. Mas são de Ricardo Pazello, responsável pelo monumental *Direito Insurgente: para uma crítica marxista do direito*, Alessandro da Silva, autor de *Direito do trabalho no capitalismo dependente*, e Gabriela Caramuru Teles, autora de *Relação Jurídica dependente e programa de transição*, as teses que têm ocupado posição de destaque por suas contribuições decisivas para se pensar a forma jurídica na periferia do sistema capitalista.

O Serviço Social brasileiro também tem acolhido os temas ligados aos fundamentos da economia política da dependência. Na Universidade de Brasília, o caráter dependente da burguesia brasileira foi analisado por Isabela Ramos Ribeiro, em texto de doutorado orientado pelo professor Evilásio Salvador, sob o título *Burguesia dependente, bloco no poder e a conformação da hegemonia no Brasil entre 2003 e 2018*. Na Universidade Federal de Santa Catarina, Beatriz Paiva realiza investigações sólidas sobre Estado dependente e políticas públicas, enquanto Cristiane Sabino redigiu um dos principais textos sobre dependência e questão racial, de título *Racismo e Luta de Classes no Brasil*, publicado pela editora Hucitec. Tatiana Brettas, da Escola

de Serviço Social da UFRJ, é autora de um dos livros mais vigorosos da área. Referimo-nos a *Capitalismo dependente, neoliberalismo e financeirização das políticas sociais*. E, recentemente, o número 42 da revista *Temporalis*, editada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss), traz um vigoroso balanço crítico sobre a produção da área na temática da “questão social” e salta aos olhos a influência exercida pela TMD nos artigos assinados por Cristiane Sabino e Heloísa Teles, Carla Cecília Ferreira e Gustavo Fagundes, Renata Gomes da Costa e Josiley Carrijo Rafael, Rodrigo Castelo e Eduardo Mara e Lucas Bezerra, nos quais se juntam também referências explícitas à Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, Octavio Ianni e afins.

Na área da educação, percebemos uma tímida e crescente apropriação da teoria marxista da dependência, processo este que pretendemos estimular na nossa revista. De todo modo, os debates sobre dependência e marxismo têm peso significativo na educação crítica brasileira. Basta olharmos algumas das revistas acadêmicas – *Germinar*, *Histedbr*, *Labor*, *Trabalho Necessário*, *Trabalho e educação*, dentre outras –, isso sem falarmos em produções editoriais e programas de pós-graduação, e constataremos inúmeras citações, por exemplo, de textos de Florestan Fernandes e suas reflexões críticas sobre capitalismo dependente, heteronomia cultural, educação, ciência e tecnologia.

Uma iniciativa digna de destaque na difusão da TMD é o trabalho realizado pelo Memorial Vânia Bambirra, coordenado por Carla Ferreira e Mathias Luce e sediado no Núcleo de Pesquisa em História, da UFRGS, com a parceria do Laboratório de Estudos sobre Marx e a Teoria Marxista da Dependência (Lemarx-TMD/ESS), da UFRJ. O Memorial disponibiliza parte substantiva da produção intelectual de Bambirra sobre a dinâmica do capitalismo dependente, a questão democrática, atualidade da revolução latino-americana e o papel da mulher nas sociedades de classes. Tais textos, que constituem um manancial de mais de oitenta produções sobre os problemas candentes de nossos tempos, estão disponibilizados em sítio eletrônico de acesso livre, amplo e gratuito – <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/>.

Por fim, o debate antieurocêntrico e a reflexão anticapitalista realizados no Instituto de Estudos Latino-Americanos (Iela), da Universidade Federal de Santa Catarina, constitui um importante capítulo da história do pensamento social crítico nas universidades brasileiras. Nildo Ouriques, Beatriz Paiva, Waldir Rampinelli, Elaine Tavares, Lauro Mattei, Maicon Cláudio da Silva, entre tantos outros colaboradores do Instituto, desempenham papel fundamental não apenas no resgate crítico da TMD, mas também em aproximar os intelectuais brasileiros da fortuna crítica do pensamento social latino-americano. A organização dos seminários *Jornadas Bolivarianas*, a confecção do periódico *Rebela*, a editoria dos livros da *Coleção Pátria Grande*, a iniciativa de produção de pequenos vídeos sobre os *Pensadores da Pátria Grande*, além das diversas teses e dissertações orientadas pelos membros do IELA, são projetos fundamentais que evidenciam a importância de se atuar no sentido de construção de uma universidade engajada na responsabilidade social de se lutar contra o subdesenvolvimento e a dependência.

Este brevíssimo inventário da produção ideológica no Brasil não dá conta da riqueza dos trabalhos publicados na última década ou em andamento, mas tem um objetivo modesto de tornar acessíveis às leitoras e leitores da *Germinar* algumas referências contemporâneas nos debates marxistas sobre a dependência. O

desvelar destas produções certamente abrirá portas para textos igualmente instigantes que não foram aqui citados.

Destas novas fornadas, alguns artigos poderão ser conferidos no atual dossiê da revista.

\*\*\*

O dossiê *Dependência e marxismo: história, teoria e práxis revolucionária* é fruto direto do trabalho coletivo da comissão formada por Marina Machado Gouvêa (UFRJ), Adriano Nascimento (Ufal) e Rodrigo Castelo (Unirio), assim como de todo o Comitê Editorial e do corpo de pareceristas da revista, que realizam um trabalho essencial, mas lamentavelmente pouco reconhecido e valorizado na academia, agências de fomento à pesquisa e etc.

O objetivo central do dossiê é ir além de um resgate dos textos clássicos de Caio Prado Jr., Clóvis Moura, Florestan Fernandes, José Carlos Mariátegui, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, dentre outras e outros, e difundir a variedade de temas e objetos contemporâneos pesquisados por militantes sociais, docentes e estudantes de pós-graduação latino-americanos a partir de múltiplas correntes do marxismo, todas elas baseadas nos estudos sobre o capitalismo dependente. A nossa avaliação é que cumprimos, de forma geral, este objetivo primário, embora diversas áreas estratégicas – como, por exemplo, subimperialismo, gênero, raça e etnia – não tenham sido contempladas no envio dos artigos. De todo modo, como esta é uma tarefa coletiva e em andamento, longe de ser esgotada em uma revista acadêmica, as extensas e consistentes referências bibliográficas dos artigos aqui veiculados ajudam a dar conta no preenchimento destas lacunas.

O dossiê é iniciado com a **entrevista** de Néstor Kohan, professor da Universidad de Buenos Aires (UBA), militante político e autor de livros e artigos, dos quais destacamos *Marx en su (tercer) mundo*, *Teorías del imperialismo y la dependencia desde el sur global* (org.) e *La brújula y el mapa: cultura, crítica y ciencias sociales en la revolución cubana* (no prelo). Ainda pouco traduzida no Brasil, a sua obra tem vencido a barreira linguística e se tornado cada vez mais conhecida no nosso país. A entrevista é mais um esforço, dentre outros, de divulgação de um intelectual latino-americano engajado na construção de um socialismo revolucionário e não-colonizado, como diz o subtítulo de um dos seus livros.

A seção **Debate** traz, nos seus dois primeiros textos, análises sobre a dependência latino-americana e a atual conjuntura. Jaime Osorio inaugura a seção com um artigo que fala sobre a constituição econômica e política da América Latina marcada pela acumulação primitiva do capital e colonização e como tais processos desaguam no capitalismo dependente. Ainda no seu artigo, traduzido por Mariana Cândido dos Santos (a quem muito agradecemos!), Osorio discorre sobre os padrões de reprodução do capital, embora não cite tal categoria, e as lutas anticapitalistas e revolucionárias na região – Haiti, México, Cuba, Chile, Nicarágua... O artigo de Cláudio Katz, que ganha tradução inédita no português, disserta sobre as ligações existentes entre a teoria marxista da dependência e o livro icônico de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*. O texto vai além e, nas suas partes finais, analisa as determinações contemporâneas do capitalismo dependente na região e seus efeitos devastadores sobre a classe trabalhadora.

O segundo bloco temático do dossiê concentra os artigos sobre Estado nacional, direito e revolução. Gabriela Caramuru Teles escreve sobre as formas jurídicas criadas no Brasil no período de transição histórica entre modos de produção, a saber, do escravismo colonial para o capitalismo dependente. André Kaysel revisita as obras de José Carlos Mariátegui e Caio Prado Jr., apresentando convergências e divergências nas obras e na práxis militante dos revolucionários peruano e brasileiro. Guilherme de Rocamora traz a público uma revisão de literatura na qual é realizado um balanço da controvérsia sobre a “burguesia nacional” no Brasil nas obras de Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr. e Ruy Mauro Marini. Fonte política inspiradora da teoria marxista da dependência, a organização revolucionária Polop é objeto do estudo de Lineker Noberto, que apresenta o processo de formação do coletivo marxista e suas principais teses e pontos programáticos para a revolução brasileira. A produção conjunta de Giovane Mota, Daniel Sombra e Madson Quaresma aborda o tema da transição de modos de produção na América Latina sob um viés geográfico que privilegia categorias marxianas apresentadas nos *Grundrisse*, com ênfase na categoria de subsunção. Máira Bichir, por sua vez, expõe a sua posição na polêmica se a teoria marxista da dependência produziu ou não uma teoria do Estado; no seu caso, ela versa sobre os escritos de Vânia Bambirra inseridos em tal polêmica. O texto seguinte, assinado por Gabriel Beltrão e Thays Fidelis, mergulha nos acalorados debates se os golpes empresariais-militares ocorridos na América Latina nos anos 1960-70 tiveram um caráter fascista ou não, recorrendo aos textos de Fernando Henrique Cardoso, Orlando Caputo, Alvaro Briones, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra. Para fechar este bloco, temos as reflexões de Carla Benitez Martins a respeito do sistema punitivo brasileiro, marcado por determinações do racismo estrutural e do capitalismo dependente.

O terceiro bloco congrega artigos sobre cultura, educação e psicologia e tem como abre-alas o texto de Bruno Borja, no qual disserta-se sobre a cultura como modo de vida e suas mediações no capitalismo dependente, tendo como objetivo esboçar uma teoria marxista da dependência cultural. Em seguida, Luca Nicola e Edson Silva revisitam a famosa coleção *Cadernos do povo brasileiro*, lançada nos anos 1960 pela Civilização Brasileira, do saudoso Ênio Silveira, uma iniciativa editorial engajada na politização de debates correntes na vida da classe trabalhadora. Ainda no clima dos anos 1960, tomado pelo desenvolvimentismo e o nacional-popular, no qual despontava o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), temos o texto de Vanderlei Amboni que analisa como os escritos de Álvaro Vieira Pinto articulam educação e ciência na construção de projetos nacionais autônomos, envolvendo a participação política e ideológica das massas populares. Renato Oliveira da Silva, Maria Escolástica de Moura Santos e Pedro Pereira dos Santos dissertam sobre a relação do capitalismo dependente com a mercantilização da educação superior no Brasil no atual contexto de crise estrutural do capital. Matheus Rufino Castro e Isabela Felipe de Oliveira investigam como a reforma do ensino médio, promulgada de forma autoritária no governo golpista de Michel Temer, aprofunda o caráter dependente e autocrático da educação brasileira. O último artigo deste bloco, escrito conjuntamente por Pedro Costa e Tadeu Mattos Farias, versa sobre as contribuições da teoria marxista da dependência, com decisivos aportes de Ignacio Martín-Baró e Frantz Fanon, para a crítica da psicologia hegemônica brasileira e seu papel ideológico de reforço da dominação burguesa.

No quarto bloco temático do dossiê, as leitoras e os leitores encontrarão textos sobre a história ideológica da teoria marxista da dependência. No primeiro deles, Cristóbal Reyes lança a pergunta sobre qual é o lugar da TMD na crítica da economia política e, no decorrer das suas reflexões, apresenta teses sobre as leis particulares do capitalismo dependente e seus níveis de abstração. No artigo subsequente, Rodrigo Borges nos brinda com um panorama de estudos internacionais e nacionais contemporâneos sobre imperialismo, financeirização, padrões de reprodução do capital, Estado, gênero e raça e a crítica ao neodesenvolvimentismo, todos baseados em distintas correntes da TMD. A seguir, Gabriela Roffinelli investiga as afinidades eletivas existentes entre as obras do economista egípcio Samir Amin e do sociólogo brasileiro Ruy Mauro Marini e seus debates sobre lei do valor, superexploração/sobreexploração, imperialismo e dependência no mercado mundial. Para encerrar, temos a produção coletiva de Willian Lepinski, Iuri Michelan Barcat, Mário Lopes Amorim e Geraldo Augusto Pinto que disserta sobre as contribuições dos escritos de Marini sobre a globalização capitalista, que marcam a última etapa da extensa obra do revolucionário brasileiro, e sua pertinência para a análise da atual fase do capitalismo dependente na América Latina.

Finalizando a seção Debate, temos os escritos de temas mais estritamente econômicos. Rafael Teixeira de Lima apresenta reflexões sobre como a teoria marxista da dependência investiga os sucessivos padrões de reprodução do capital existentes na América Latina e a sua atual dinâmica financeirizada. Elizabeth Zorgetz discute a situação socioeconômica das mulheres baianas diante da superexploração da força de trabalho e da dinâmica do exército industrial de reserva no século XXI. Yuri Freire de Almeida apresenta as particularidades históricas da lei geral da acumulação capitalista nas regiões dependentes. E, para fechar a seção, Tatiana Félix e Artur Bispo dos Santos Neto analisam como a venda da Companhia Energética de Alagoas para o setor privado está inserida no contexto atual da acumulação por espoliação na América Latina.

A seção **Artigos** começa com dois reconhecidos autores marxistas internacionais. A primeira, Ellen Wood, já é bastante conhecida no Brasil. No presente volume, nossas leitoras e leitores terão acesso ao artigo *Anti-eurocentrismo eurocêntrico*, publicado originalmente na revista *Against the current* em 2001 e, aqui, ganha uma tradução para o português realizada por Lucas Werlang Girardi e Carolina Ferreira de Figueiredo, a quem fazemos um agradecimento público por todo o trabalho. Nesta versão, também publicamos a breve introdução assinada por David Finkel, então editor da primeira impressão do texto assinado pela marxista estadunidense. Logo depois, trazemos um artigo de Marcello Musto sobre as análises de Marx sobre a emancipação nacional na Polônia e a guerra civil estadunidense. A tradução deste texto ficou a cargo de Álvaro Martins, a quem também estendemos nossos agradecimentos.

Em seguida, trazemos um agregado de textos que versam sobre a educação, marca da nossa revista. Os três primeiros têm como objeto a reforma do ensino médio no governo Temer. Sayarah dos Santos e Katharine Silva investigam, sob a chave interpretativa da contrarreforma, os impactos da dita reforma do ensino médio na educação da classe trabalhadora no Brasil, reforçando a precarização no reino oculto da produção e a hegemonia burguesa. Já o texto coletivo de Alcio Crisóstomo Magalhães, Terita Ferreira, Júlio César Maia, Gabriela Guimarães e George Holanda interpreta a reforma a partir da categoria gramsciana de

revolução-restauração, ou revolução passiva, pela qual se opera uma tentativa de apassivamento da juventude brasileira. O próximo artigo, assinado por Raquel Pereira de Moraes, Osterne Maia Filho e Valdamarin Gomes, é baseado em análise documental e trata de forma crítica o conceito de interdisciplinaridade presente nas últimas reformas do ensino médio. João Paulo Stadler, Carlos Alberto Marques e Marcelo Lambach analisam como se dá a apropriação teórica do materialismo histórico-dialético na formação de docentes da disciplina de Ciências no Brasil na segunda metade do século XXI.

Encerrando a seção **Artigos**, temos três textos. Lorena Forti busca aprofundar, sob influências da Sociolinguística, da Pedagogia histórico-crítica e do Materialismo cultural, os estudos sobre a relação entre línguas e sociedades. Lucas Maciel revisita a obra clássica *O Estado e a revolução*, de Vladimir Lenin, para questionar interpretações que reduzem a leitura do líder bolchevique sobre o Estado burguês como um mero aparato repressivo. E Guilherme Rodrigues e Ramofly Bicalho recolhem contribuições de Antonio Gramsci para avançarmos nos debates sobre sujeitos históricos e práxis revolucionária.

Na seção **Clássicos/documento** apresentamos uma tradução inédita do artigo *A luta pela democracia na América Latina*, de Ruy Mauro Marini, apresentado em seminário universitário e publicado originalmente em espanhol na revista mexicana *Cuadernos políticos* em 1985. Já são quase 40 anos desde a sua redação, e o texto, guardadas as devidas mediações históricas, ainda possui grande relevância e pertinência para o entendimento da atual conjuntura latino-americana, na qual verifica-se o fortalecimento da extrema-direita e a presença crescente dos militares em governos conservadores e reacionários.

O presente número se encerra com a tradicional seção **Resenhas**, que vem paulatinamente ganhando espaço na pauta da revista. A primeira resenha, escrita por Najla Passos Silva, versa sobre o título *Neres! Da luta contra a ditadura à reconstrução do PCB*, organizado por Pablo Lima e Paloma Silva e lançado pelo Instituto Caio Prado Jr. O livro trata da trajetória política do militante comunista mineiro José Francisco Neres, resgatando a memória e lutas de construção do centenário Partido Comunista Brasileiro (PCB). A seguir temos três resenhas relacionadas ao dossiê. Renato Santiago faz uma apresentação de *O direito do trabalho no capitalismo dependente*, de Alessandro da Silva, cuja tese de doutorado defendida na USP resultou nesse livro. A terceira resenha diz respeito à obra *Economia brasileira contemporânea: dependência e superexploração*, de Camila dos Santos Nogueira, também resultado de tese de doutorado defendida no sistema público de ensino superior, no caso, na Ufes. O texto é de responsabilidade de Ana Maria Araujo. O quarto manuscrito desta seção foi redigido por Karina Fernandes e traz uma análise crítica do livro *Economia, política e dependência*, organizado por docentes e pesquisadoras da Ufal – Adriano Nascimento, Elaine Nunes e Thays Fidelis. A penúltima resenha é fruto da leitura realizada por Francisca de Alencar sobre a obra *Intelectuais, política e conflitos sociais*, texto organizado por David Maciel, Pedro Leão Costa Neto e Rodrigo Jurucê Mattos. Para encerrar, temos a resenha feita por Wesley Sousa do livro *A atualidade da teoria estética de Theodor Adorno*, organizado pelos professores da UFMG Rodrigo Duarte e Daniel Pucciarelli. Todas funcionam como um cálido convite para a leitura dos livros resenhados.

\*\*\*

Claro está que existe, em contraposição ao pensamento crítico-revolucionário, uma ampla gama de caracterizações não-marxistas sobre a dependência, a partir de diferentes espectros políticos. Ressaltamos aqui em particular distintos matizes de desenvolvimentismo e nacionalismo mais ligados à classe trabalhadora ou à classe dominante, inclusive por parte das forças armadas. Mais que nunca, contudo, é necessário aprender com todas estas contribuições e superá-las. Mais que nunca é necessário lançarmo-nos sobre a tarefa de uma caracterização propriamente marxista acerca da dependência latino-americana, em suas determinações universais ao capitalismo em geral, em sua legalidade particular, na singularidade de cada formação sócio-histórica específica. Mais que nunca é necessário o estudo sobre a dependência como categoria do real, para superá-la, no processo de superação do próprio capitalismo.

A tarefa é crucial e urgente:

Ontem, hoje e amanhã,  
até alcançarmos a segunda e definitiva independência.

### **Referências:**

AMARAL, M.; TRASPADINI, R. Uber e a superexploração da força de trabalho. **Outras Palavras**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/uber-e-a-superexploracao-do-trabalho-precariado/>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

AMARAL, M. **Teorias do imperialismo e da dependência**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

BICHR, M. **A questão do Estado na teoria marxista da dependência**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2017.

BITTENCOURT, N.A. **A superexploração da força de trabalho no desenvolvimentismo brasileiro: uma crítica teórico-jurídica**. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BREDA, D.M. **A transferência de valor no capitalismo dependente contemporâneo: o caso do Brasil entre 2000 e 2015**. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2020.

BRETTAS, T. **Capitalismo dependente, neoliberalismo e financeirização das políticas sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

BRITO, J.W. O fascismo no Brasil contemporâneo e o Estado de contrainsurgência. **Argumentum**, Vitória, v.13, n.2, p.83-95, maio/ago. 2021.

CARAMURU TELES, G. **Relação jurídica e programa de transição**. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CARCANHOLO, M. Auge e declínio dos governos progressistas na América Latina. **Jornal dos Economistas**. Rio de Janeiro, n. 329, 2016, pp. 5-7.

CASTELO, R. (org.). *Encruzilhadas da América Latina no século XXI*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CASTELO, R. O mesão, a Escola e o Partido: em busca das origens da estratégia democrático-popular. In: IASI, M. et al. (org.). **A estratégia democrático-popular: um inventário crítico**. Marília: Lutas anticapital, 2019. p.55-80.

CHEROBIN, R. **Estado e direito no capitalismo dependente: da superexploração da força de trabalho à disformidade jurídico-estatal**. Tese (Doutorado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

- COZERO, P.T. **Capitalismo dependente e sindicalismo expropriado: relações coletivas de trabalho sob o acirramento do neoliberalismo jurídico no Brasil (2015-2020)**. Tese (Doutorado em Direito). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- FÉLIX, G.; GUANAIS, J. (coord.). **Superexplotación del trabajo en el siglo XXI**. Bremen: El Tiple, 2019.
- FÉLIX, G. (org.). **Dependência, Estado e superexploração do trabalho no século XXI**. Bremen: El Tiple, 2021.
- FERREIRA, C.C. **A classe trabalhadora no Processo Bolivariano da Venezuela**. Contradições e conflitos do capitalismo dependente petrolero-rentista (1989-2010). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FIDELIS, T.; SEABRA, R. Fascismo e profissionalização da contrarrevolução no Brasil. **Katálysis**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 407-416, maio/ago. 2021.
- FILHO, J.H. **A internacionalização da Odebrecht no capitalismo dependente brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- GOUVEA, M.M. **Imperialismo e método**. Apontamentos críticos visando a problemas de tática e estratégia. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- GUANAIS, J.B. **Pagamento por produção, intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira brasileira**. São Paulo: Outras expressões, 2018.
- KATZ, C. **A teoria da dependência: 50 anos depois**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- KOHAN, N. **Marx en su (tercer) mundo: hacia un socialismo no colonizado**. Havana: Centro de investigación y desarrollo de la cultura cubana Juan Marinello, 2003.
- KOHAN, N (org.). **Teorías del imperialismo y la dependencia desde el sur global**. Buenos Aires: Cienfuegos; Iealc; Amauta Insurgente, 2022.
- LEITE, L. **O capital no mundo e o mundo do capital**. Uma reinterpretação do imperialismo a partir da Teoria do Valor de Marx. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- LICARIÃO DE SOUZA, Y.R. **A forma jurídica no capitalismo dependente**. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- LUCE, M.S. **A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini**. Contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital. A História de uma categoria. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LUCE, M.S. **Teoria marxista da dependência: problemas e categorias**. Uma visão histórica. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MARINI, R.M. A dialética da dependência. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. P. (org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- MARTINS, C.B. **Distribuir e punir?** Capitalismo dependente brasileiro, racismo estrutural e encarceramento em massa nos governos do partido dos trabalhadores (2003-2016). Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Goiás, Goiânia, 2018.
- MARTINS, C.B. et al. **Economia política da pena e capitalismo dependente brasileiro**. São Paulo: Dialética, 2021.
- MARTINS, C.E. As mudanças do poder global e as perspectivas da América Latina. In: **Blog da Boitempo**, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/11/18/as-mudancas-no-poder-global-e-as-perspectivas-da-america-latina/>. Acesso em 29 de abril de 2022.
- MEJÍA, J.C.A; GRANATO, L. (org.). **La cuestión del Estado en el pensamiento social crítico latinoamericano**. Medellín: Ediciones Unaula, 2021.

- OSORIO, J. El marxismo latinoamericano y la dependencia. **Cuadernos políticos**, México D.F., n.38, p. 40-59, ene-mar de 1984.
- OSORIO, J. **O Estado no centro da mundialização**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- PAZELLO, R. Direito insurgente: para uma crítica marxista do direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.
- PRADO, F.C. História de um não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. **Comunicação & política**, v.29, n.2, p. 68-94, 2011.
- PRADO, F.C. **A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência no Brasil**. Marília: Lutas anticapital, 2020.
- PRADO, F.C.; MEIRELES, M. Teoria marxista da dependência revisitada: elementos para a crítica ao novo-desenvolvimentismo dos atuais governos de centro-esquerda latino-americanos. In: CASTELO, R. (org.). **Encruzilhadas da América Latina no século XXI**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010. p.169-190.
- RIBEIRO, I.R. Burguesia dependente, bloco no poder e a conformação da hegemonia no Brasil entre 2003 e 2018. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- SEABRA, R. **A via venezuelana ao socialismo**. Curitiba: CRV, 2020.
- SILVA, A. da. **O direito do trabalho no capitalismo dependente: limites, potência e efetividade**. São Paulo, Outras Expressões, 2020.
- SILVA, M.C. da. O Estado em seu labirinto: a particularidade do Estado dependente. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- SOUSA, C.L.S.de. **Racismo e luta de classes na América Latina: as veias abertas do capitalismo dependente**. São Paulo: Hucitec, 2020.
- TRASPADINI, R. **Questão agrária, imperialismo e dependência na América Latina: a trajetória do MST entre novas-velhas encruzilhadas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- VERÇOSA, L. **Os homens cangurus nos canaviais alagoanos: um estudo sobre trabalho e saúde**. Maceió: Edufal, 2018.
- WASSERMAN, C. **A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

### **Notas**

<sup>1</sup> Doutora em Economia política internacional/UFRJ. Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6495751035479793>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0938-3971>. E-mail: [marinagouvea@gmail.com](mailto:marinagouvea@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política/Unicamp. Professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3600345785062191>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1378-951X>. E-mail: [adriano.nascimento@corregedoria.ufal.br](mailto:adriano.nascimento@corregedoria.ufal.br).

<sup>3</sup> Doutor em Serviço Social/UFRJ. Professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e pesquisador do Grupo de trabalho (GT) sobre teoria marxista da dependência da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Membro do comitê editorial da revista **Germinar**: marxismo e educação em debate. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080597950497381>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8927-1055>. E-mail: [rodrigo.castelo@gmail.com](mailto:rodrigo.castelo@gmail.com).

Recebido em: 30 de abr. 2022

Aprovado em: 30 de abr. 2022